

DEBATE

ELISABETE RANCIHOD - Achei bastante interessante a tua posição; ela esclarece já alguns aspectos que todos desejávamos ver mais claros e que têm recebido pouca atenção da parte dos linguistas, dos gramáticos em geral. No entanto, não vejo como poderiam as tuas regras dar conta da significação de palavras como "construção", por exemplo. Estes nomes são, não raro, ambíguos no sentido de poderem significar "processo" ou "resultado de processo". Isto verifica-se quando ocorrem em frases como: "Não concordo com a construção desse edifício". Pelo contrário, quando inseridos numa forma sintáctica adequada, a ambiguidade deixa de existir: "Esse edifício está em construção". Aqui apenas significa "processo". Em: "Esse edifício é de construção recente" só significa "resultado de processo". Poder-se-ia dar conta desta situação de forma independente? Quer dizer, sem tomar em conta a sintaxe?

R — Em princípio sim, mas eu penso que este modelo carece de uma fundamentação mais adequada da estrutura argumental do verbo e do nome envolvidos num processo derivacional. Nomeadamente uma das lacunas apontadas pela própria proponente incide nas concepções de estrutura argumental subjacentes à parafrase das palavras construídas. Foi suficientemente problematizado nessa proposta, mas ainda não foram apontadas soluções visíveis, e eu própria nas notas também ressalvo esse aspecto; não foram apontadas soluções para, por exemplo, o problema de se identificar numa só REP os nomes de verbais que significam acção e/ou resultado de acção, processo de verbais que resultam de verbos de estado; toda essa problematização, que a autora remete para os semanticistas, porque se considera fundamentalmente morfologia, está por fazer. Eu penso que a análise de usos verbais não pode ser feita sem uma sólida construção de carácter teórico que tenha a ver com as funções casuais, semânticas, subjacentes à formação desse tipo de palavras construídas, sobretudo as que implicam mudança categorial verbo/nome.

GRAÇA VICENTE - A minha dúvida incidia na questão da estrutura argumental, por que pegando em dois exemplos que deu [...] nós vemos que o verbo tem dois argumentos um externo outro interno, e que quando se nominaliza, só um deles po

de recorrer [...] Como integrar neste modelo questões de alteração fragmental?

R — Esse problema não está de facto resolvido, porque o modelo pretende ser contextualizado frasicamente. É um modelo de carácter derivacional, de carácter morfológico que não tem em conta para já, no estado actual de evolução do dito modelo, a integração de palavras construídas que envolvam alteração categorial na estrutura frásica. Mas é um aspecto a trabalhar, sem o qual a pertinência do modelo perde bastante. A tendência para que este modelo aponta vai no sentido de considerar esses outros significados possíveis, determinados frasicamente como significados convencionais afectos pelas regras semânticas menores que são consideradas regras complementares subsidiárias das regras semânticas gerais, ou seja, parte-se do princípio que essas regras semânticas gerais definem esse tipo de significados, ou outros a ajustar, e esses significados complementares serão explicitados por regras semânticas menores, que têm a ver precisamente com nomes que envolvem mudança categorial na frase, com o problema das modalizações, por exemplo. Mas é um dos aspectos a explorar entre outros.

ALINA VILLALVA — Neste quadro teórico, as entradas lexicais de base podem ser constituídas por mais do que um morfema? Desse modo, todos os derivados devem ser explicados por regras de construção de palavras, e daí a hiper-capacidade geradora de modelo, que, em seguida, exige um filtro (componente convencional) muito interveniente. Se, pelo contrário, se considerar que as regras de Formação, ou Construção, de Palavras existentes na gramática são apenas as regras produtivas, então uma regra como, por exemplo, RCP3 seria substituída por uma regra de análise da estrutura interna das palavras. E estas palavras seriam entradas lexicais básicas.

R — Resta saber se é legítimo ou não considerar essas palavras já como palavras meio-fixas. É uma questão de produtividade que fica em aberto. Só a evolução da língua poderá dar uma resposta a esse problema. Claro que nós podemos partir do postulado que a produtividade é baixa, portanto é uma regra já neutralizada. São palavras complexas não construídas já no estado de língua a que nos reportamos.